

Marcelino dos Santos em entrevista*

Amílcar, Guevara, Palme e Paulo VI

Por Flora Gomes e Sol de Carvalho

A entrevista a Marcelino dos Santos que a seguir é apresentada foi feita pelos realizadores Flora Gomes, da Guiné Bissau e Sol de Carvalho de Moçambique, no quadro de uma pesquisa que o realizador guineense fazia para a elaboração de um roteiro de um filme sobre Amílcar Cabral. O tema desta entrevista foi precisamente a fase do nascimento do nacionalismo moderno das ex-colónias portuguesas e os debates e discussões realizadas pelo movimento nacionalista para se afirmar nacional e internacionalmente, batalha em que Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos estiveram pessoalmente envolvidos. É também uma entrevista sobre o relacionamento pessoal e intelectual entre dois pensadores do movimento de libertação. A entrevista foi realizada em Março de 2003.

Flora Gomes : Quando é que conhece Amílcar Cabral em Portugal? Marcelino dos Santos: Foi no ano 1947 quando lá cheguei (a Lisboa)... é interessante notar que cheguei a 5 de Outubro de 1947, sai a 5 de Outubro de 1951, 4 anos exactos entre o caminho de França, depois de todas as peripécias de vida lá em Portugal. E, obviamente, que no segundo ou terceiro dia, eu conheci o Amílcar Cabral, pois nós conversávamos e falamos de mil e uma coisas. Nesta altura, o Amílcar Cabral estava trabalhando para ver se conseguia dinheiro para viver o mês inteiro... tinha uma bolsa muito fraca... tinha que dar explicações para ter a mesada para poder viver. E havia outros companheiros que tinham uma mesada fraca... por exemplo o Luis da Cunha que tinha uma mesada de 700 escudos que era muito pouco. Mas ele não gastava muito, então não tinha menos preocupações...

Sol de Carvalho: O Cabral gastava mais?

MS: O Cabral tinha muito mais actividades! Mas eu cheguei com uma mesada de 1200 escudos e emprestava, muitas vezes emprestei a A, B, C e também ao próprio Cabral. Nós não nos encontrávamos só para receber a bolsa... mas isto é para dizer que ele tinha uma bolsa de estudos muito fraca, de 600 escudos e que era preciso trabalhar para desenrascar a vida. Mário de Andrade chega depois de mim a Lisboa, creio que ele chega em 1948...

SC: O Agostinho Neto...

MS: Sim... o Agostinho Neto, Alda de Espírito Santo, o Estêvão, Rui de Nazaré que era um camarada muito importante, muito bom... era poeta... também muito bom politicamente... e muitos outros companheiros, Pedro Pires, de Cabo Verde, da Ilha da Brava.

Realmente eram companheiros muito bons. Naturalmente um deles era também muito amigo das mornas e tocava um pouco... aliás as primeiras mornas que escutei foram cantadas - pelos menos uma delas - por Amílcar Cabral. Quando cheguei estava a "temperatura" quase que "normalizada", no trabalho a fazer no quadro legal que era a Casa dos Estudantes do Império. A CEI estava organizada em secções. As secções eram de cada um dos nossos países, secção de Moçambique, secção de Angola, secção Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe e Goa. Então o trabalho a fazer era de assegurar e controlar o trabalho das secções, que a nossa gente, do nosso grupo, ficasse na direcção destas secções... e ao mesmo tempo ocupar a Direcção Geral. No caso de Moçambique, quem trabalhou muito também foi o Dr. Fernando Vaz, o médico. Ele ficava a gerir a secção de Moçambique - era preciso um médico - e eu ia para Direcção Geral... mas nunca fui presidente. Era essa a estrutura geral. Nós fomos reavivar isso. Neste processo trabalhámos com o mundo juvenil, com o Movimento Democrático Juvenil português.

A CEI e o Partido Comunista

SC: Ligado ao Partido Comunista...
MS: Sim, era uma expressão da Juventude do Partido Comunista. Havia também o Movimento de Unidade Democrática que também era ligado ao Partido Comunista. Não era comunista mas era dirigido pelo partido comunista como sempre, como aconteceu na resistência contra os nazis.

Todos os que tiveram a coragem de enfrentar o fascista Salazar de forma realmente aberta eram os comunistas, de modo geral, porque tinham motivações para isso, porque os outros não tinham motivações. Se vocês estudaram ou andaram pela França, lembram-se que quando o Petain se rende aos alemães todo o mundo se lançou para a resistência, para a guerrilha, Les Partisans. Mas ao fim do ano todo o mundo tinha recuado e ficou só o Partido Comunista Francês porque os outros não tinham as mesmas motivações, buscavam não somente uma vitória contra os nazis, mas que fosse possível um benefício. Mas o Cabral não suportava as camisoladas de força, a disciplina do partido - eu penso que em França há uma expressão muito conhecida que é de *Compagnons de Route*, "companheiros de caminho", que foi especialmente tratada por Jean Paul Sartre. SC: Não há uma ligação formal deste grupo pequeno de africanos ao Partido comunista português?

MS: Há...

FG: Como o Vasco Cabral...

MS: Sim o Vasco Cabral e Lúcio

Lara ...não sei quem mais ...

SC: Mas o Marcelino não...

MS: Não, trabalhei com o núcleo juvenil, trabalhei na clandestinidade, realizávamos trabalho clandestino, todo o trabalho era clandestino. Fazíamos um trabalho especial e quem nos fazia a ligação com o Partido Comunista era o Vasco Cabral. Então nós achamos bom criar uma célula na Casa de África. Mas tínhamos a Tia Andreia, a casa da tia Andreia e tínhamos a sede da Casa de África.

A estatura de Amílcar

SC: O Cabral tinha esta posição de formado no vosso grupo...

MS: Não estava formado, estava a estudar.

SC: Digamos de cientista...

MS: Não, não, naquela altura não aparecia como cientista nenhum... aparecia como estudante de agronomia... mas só que ele, realmente, tinha um certo prestígio.

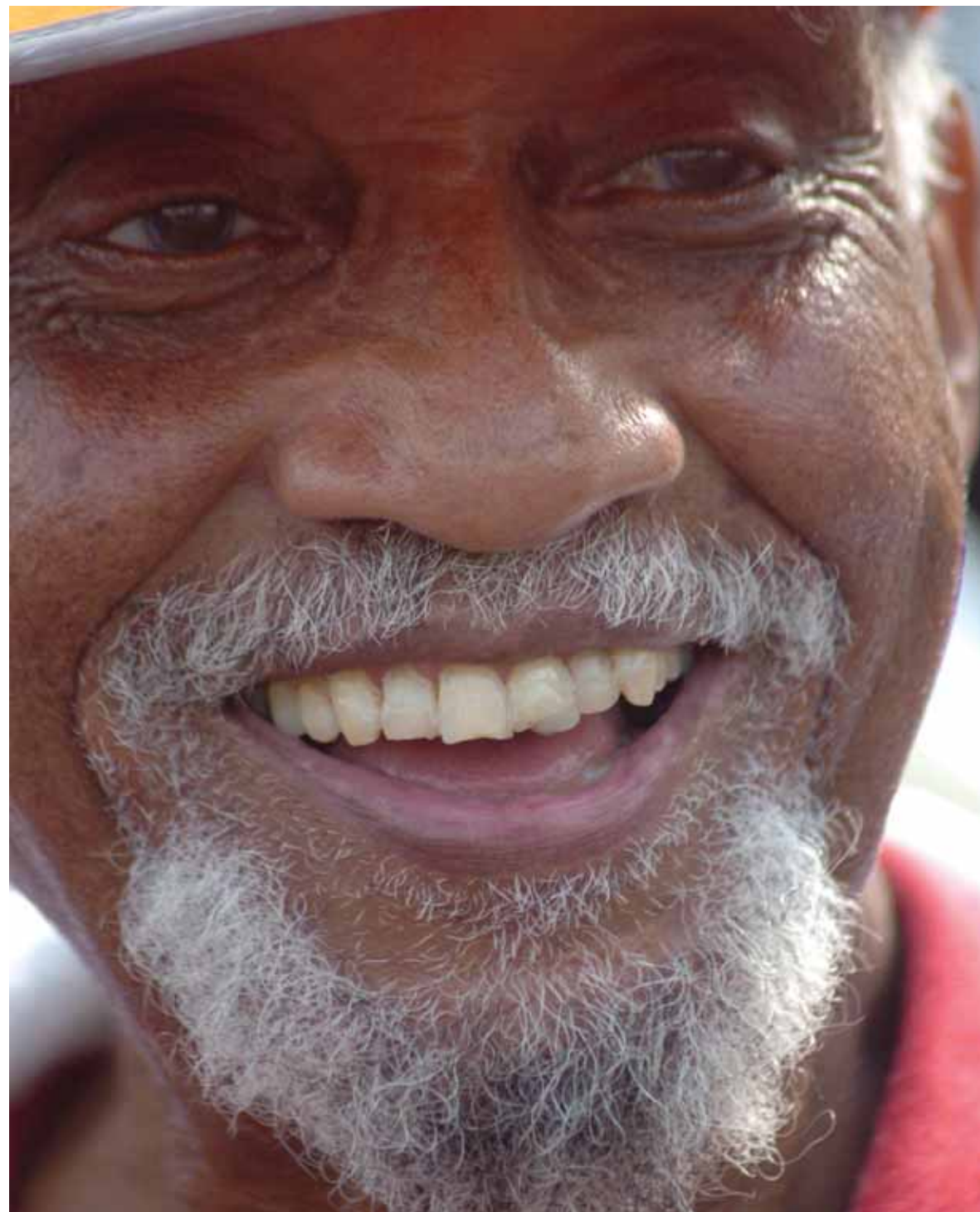
Na agronomia aconteceu uma coisa muito interessante com Amílcar Cabral...

Havia sempre aquela coisa que Amílcar sentia como sendo comportamentos racistas, posicionamentos racistas, expressões ou maneiras de falar que davam a entender certo paternalismo, se não mesmo uma tentativa de aparecer como superior, mesmo se fosse qualquer coisa que viesse de dentro sem ser racionalizada... mas havia essa maneira de ser... o que mostra bem que a coisa estava mesmo no sangue.

Uma vez Amílcar cansou-se ou, como a gente diz, chateou-se! Ele disse assim «bom vamos lá fazer uma coisa. Vocês param de falar disto e daquilo sobre o africano e vocês vão propor o tema que quiserem e vamos discutir. E vamos ver qual de nós é que vai realmente falar melhor sobre esse tema. Então uma dama colega dele disse: «Mas, oh Amílcar tu não és preto, tu és engenheiro!»

Portanto, Amílcar Cabral tinha este prestígio, de brilhante como estudante, brilhante no trabalho político no seio da Casa dos Estudantes do Império e tudo o resto que nos dizia respeito. Era brilhante no futebol, ele era ponta esquerda, bom jogador de futebol. Havia lá uns camaradas angolanos que também eram titulares, o Fernando Vaz era grande guarda-redes (O Fernando Vaz fez aqui atletismo, correu os 100 metros e salto em altura). De modo que esses eram titulares e eu era por ali de vez em quando titular mas o facto é que nas viagens que fazíamos para aqui e para ali eu também ia. Às vezes "ficava no banco" como se diz hoje.

Mas chega um momento em que se decide, bom esta coisa aqui... Portugal já não dá nada, devia ser aí 1950. Mondlane estava de passagem, ficou



Marcelino dos Santos

lá uns meses em Lisboa, Noémia de Sousa já lá estava...

SC: Segundo Mário de Andrade me contou, o Mondlane não se aproxima muito de vocês...

MS: Não, não. Ele vem à Casa do Império mas ele vivia em Algés ou não sei onde. Ele estava com gente de religião, os presbiterianos...

Então por volta de 1950 decide-se que "isto aqui não dá", é fascismo, a gente não tem a possibilidade de falar para o mundo, quem poder partir que parta!

FG: Mas isso foi decidido numa reunião?

MS: Decidido não... as nossas reuniões era também estarmos assim e falarmos "a gente a partir de agora"... pronto! Decidiu-se que quem pudesse partir que partia.

Calhou que eu tive uma querela com o assistente da cadeira de matemática

no Instituto Superior Técnico.

Quando cheguei a Lisboa aquele ano de 47 não pude fazer o exame de admissão, porque o barco que devia levar-me daqui e a outros para Lisboa, foi obrigado a ir para Timor com soldados.

Então quando voltou já era tarde... só apanhei a 9 de Setembro de 1947 e levei 26 dias para chegar a Lisboa.

A 5 de Outubro, quando o barco chegou, já os exames tinham terminado. Então a única coisa que fiz foi calcorrear as estradas e fui para uma explicação, aliás, foi um professor que me permitiu entrar e fazer o 1º. ano do Instituto Industrial à vontade com 17, 18 e por aí fora, mas o 2º. ano já foi bem mais difícil.

Ao fim de 2 anos de Instituto Industrial passei para o Instituto Superior Técnico. Estava no 1º. ano de electrotécnica. E, no fim do ano, fomos fazer os exames e chegou o tempo do exame de matemática. Foi então que

que era muito artista grita e eu grito mais alto do que ele: "O senhor aqui não toca, acabou pronto"! E eu disse "se você tocar eu não faço mais a prova e vou fazer um depoimento aqui", Aquilo, se calhar na mente dele passou, ele não quer porque tem cábulas... Eu nunca usei cábulas, nunca cabulei, nunca tive necessidade.

Então achei que aquilo era um grande insulto, mas então utilizei a coisa para fazer um texto político cujo princípio era este: Se vocês nos consideram elites como é que vocês querem que nos comportemos perante as outras gerações, se vocês nos habituaram a não confiar, que mundo é este que vocês

querem que a gente construa, então foi isso que eu fui dizer lá. Mas o facto é que a partir dali ele não revistou mais ninguém, voltou para a sua cadeira. Ele julgava que gritando havia de me amedrontar. Mas eu vi que fisicamente não era assim muito mais forte para me fazer qualquer coisa, eu podia sempre ripostar, eu não ia tomar a iniciativa mas se ele quisesse jogar à pancada eu jogava, naquela altura não tinha problema nenhum de fazer isso, tanto mais que seria em legítima defesa não é?

O facto é que ele voltou para a cadeira e eu quando lhe fui entregar o ponto, cheguei, parei e olhei para ele... "Sr. professor onde posso pôr a prova?" Ele não respondeu, e eu deixei ficar ali e fui-me embora.

O salto para França

SC: Mas já ia para França com missão...

MS: Sim, para fazer o barulho fora. Como é que ia fazer? Eu teria que me desenrascar.

A Associação dos Estudantes do Ensino Superior Técnico ainda quis fazer barulho mas eu disse olha: eu vou sair não vale a pena fazer muito barulho, eu vou sair.

O professor José Henrique Arandes, uma semana depois mandou-me informar e pediu para eu ir lá falar com ele, que se eu quisesse podia ir fazer a prova e eu disse a ele "olha a decisão foi tomada de que eu devo partir" e agradecei.

Apreciei bastante aquele gesto dele mas, só muito mais tarde, depois da independência aqui em Moçambique, é que eu falei uma vez com o professor Laginha Serfim, que vinha cá muito, era um pouco ligado com aquele também (Edgar Cardoso)... estava no mesmo campo daquele que fez as pontes lá sobre Tete e o Save, e ele então explicou que José Henrique Arandes fazia parte da juventude lá ligado ao Partido (comunista), e que o seu envio para aqui tinha sido, numa certa medida, uma punição. E que naturalmente depois de ele voltar para Portugal... Mas depois, com o tempo, foi-se distanciando do partido. Mas portanto foi esse posiciona-

mento dele que o levou depois de ler aquilo que eu escrevi para ele, a me chamar. E eu tive pena de nunca mais conseguir falar com ele. Na altura... apreciei mas não fui capaz de deduzir que ele era membro do partido.

SC: O reencontro com Amílcar Cabral?

MS: Sim, depois naturalmente nas andanças da política, porque ele se forma e volta para Guiné Bissau...

FG: E quando ele foi para Guiné Bissau o camarada Marcelino estava em Paris...

MS: Foi em 51 que eu parto com um camarada de São Tomé, Guilherme do Espírito Santo. Quem nos levou de carro foi o Dr. Amélio Ferreira, para quem já ouviu esse nome, angolano quase branco... estava casado, levou-nos com esposa para a França via Espanha, no Volkswagen dele, facilitou-nos a vida...

Quando eu saio a 5 Outubro de 1951, passámos por Madrid depois fomos para a França e chegamos num fim de tarde de um dia (que já não me recordo) a Grenoble, porque o destino era o Instituto Politécnico de Grenoble. Ali falámos com alguém que decidiu tomar iniciativa e foi chamar quem? Aquino de Bragança! Obviamente falando português quem pode tratar deste caso, só pode ser o Aquino de Bragança. Então, foi desde então que ficámos juntos com o Aquino, em 1951.

Guiné-Cabo Verde

SC: Mas Amílcar Cabral chegou a dizer alguma vez o porquê dessa decisão de juntar Guiné e Cabo Verde nessa altura logo?

MS: Sim, para poder utilizar os quadros em particular, primeiro pela ligação histórica existente. Mas mesmo essa maneira de ser, não era ao nível dos povos obviamente, era a nível dos quadros de Cabo Verde que vinham para Guiné Bissau, e foi assim que se foi forjando. E quando apareceu a ideia... quando se desenvolve o processo da Luta da Libertação Nacional, apareceu como uma saída com a utilização máxima dos quadros de Cabo Verde na Guiné Bissau! Foi essa essencialmente a razão. Primeiro na história dos dois países, já havia os cabo-verdianos que vinham... mas os movimentos eram sempre mais nessa direcção, Cabo Verde, Guiné e certamente muito pouco Guiné... Cabo Verde. Era como se fazia aqui, muitos goeses vieram para aqui, como responsáveis disso, responsáveis daquilo, mas os moçambicanos nunca foram dirigidos nada em Goa... esse mesmo fenómeno.

A história era própria e a história fez nascer a ideia de se unir... aproveitando os quadros cabo-verdianos, porque tinham muito cabo-verdianos a estudar em Lisboa, gente com formação como se vê até hoje.

João Mendes

SC: Portanto nessa altura perde contacto directo com....

MS: Com todos!

SC: Com todos... e quanto a Amílcar Cabral?

MS: Sim! Mas não paro com contacto político... perco apenas este contacto físico. Então entramos na FAENF (Federação dos Estudantes da África Negra em França). Ligamo-nos com o Partido Comunista francês, através da juventude do Partido Comunista Francês.

Na Guiné Bissau Amílcar trabalha com uma senhora chamada Pomba Guerra, que tinha estado aqui, e que nos anos 49 tinha sido presa juntamente com Sobral de Campos, Beirão, irmão deste Beirão que foi ministro mais outros, e o João Mendes.

E todos são presos aqui como sendo comunistas, e que eram na prática. Mas era preciso dizer naquela altura mentira, mentira e depois os advogados ou os juizes aqui vieram dizer ao governador, "oiça lá, essa gente se vai ao tribunal, vai passar, vai ser absolvida porque não há matéria". Então o governador, usando das prerrogativas que tinham os governadores coloniais, decidiu que eles deviam ser enviados para serem julgados em Portugal. O João Mendes teve cerca de 300 moçambicanos a quererem testemunhar por ele, entre eles o Mário Wilson, eu e outros, e a tal ponto o número era grande que o tribunal limitou os testemunhos a 150. Escreviamos bilhetes, "João Mendes é um camarada branco que está aí", ele era o único branco que entrava no centro associativo dos negros, na associação africana e nos naturais da colónia.

Associações que havia aqui em Moçambique, resultado da discriminação que a sociedade impunha. Uma para os naturais de Moçambique que eram brancos, outra que era a associação africana para os mulatos e outra que era para os negros e os assimilados. Os indígenas, paciência não tinham clube. Então estão a ver... o João Mendes era esse indivíduo, lembram-se um dos poemas da Noémia diz "poema do João"...

SC: João Mendes era familiar do poeta Orlando Mendes...

MS: Sim, sim. É bom saber que nesse processo, nos anos 50, quando estávamos a querer estabelecer ligações com Moçambique para ver se conseguíamos fazer uma organização política, João Mendes veio aqui clandestinamente.

FG: Saiu de Portugal...

MS: Saiu de França. Organizámos e ele veio clandestinamente a Moçambique, mas infelizmente só pode ficar 3 dias e não deu nada, não conseguiu falar com aqueles que devia falar. Portanto a atmosfera era esta.

Em Angola a efervescência já es-

tava a levar para a constituição de formações políticas como em Cabo Verde. Em Moçambique andávamos a tactear, a tactear... é nessas circunstâncias que João Mendes veio a Moçambique para ver se é capaz de fazer qualquer coisa.

Conseguimos um passaporte falso, já nem sei quem fez o passaporte, se o Partido Comunista Francês ou se o Partido Comunista Português não sei.

Mas o ponto era este, já estava tudo a ficar politizado... então decidimos formar uma organização. E o ponto fundamental é este, pela primeira vez a gente ia-se apresentar politicamente ao mundo. Até então éramos estudantes e jovens... e isto é em 57 quando a gente forma o Movimento Anti Colonialista (MAC).

Kwame Nkrumah

FG: Nessa altura Cabral já não está aí...

MS: Não... e quem participa é Lúcio Lara, Guilherme Espírito Santo, Mário de Andrade, Viriato da Cruz e eu.

E todo o trabalho é feito lá no meu quarto em Paris que aliás era uma estratégia. Mas o ponto é este: Pela primeira vez nós íamos publicamente apresentar-nos politicamente. E foi um grande passo nas mentes e no posicionamento. Entanto que Movimento Anti-Colonialista, trabalho, trabalho realmente não foi feito, mas teve esta carga política grande. Éramos membros individuais de todas as colónias portuguesas numa única instituição política, ainda não estávamos individualizados. A Noémia de Sousa creio que ainda estava em Paris... eles é que nos comandavam, nos éramos sempre instrumentos, mas é claro com pessoas como Lúcio Lara, Viriato da Cruz já dava um certo arcaiboio, e fizemos o documento que foi aceite em Lisboa.

Entretanto veio a tal conferência de Accra, 1957, mas nem que em 57 já o MPLA existia, mas não era ainda conhecido como tal, quer dizer ninguém sabia, eles sabiam mas eu, por exemplo, não sabia. Os angolanos sabiam que havia MPLA, os cabo-verdianos e guineenses sabiam que havia o PAIGC mas nós não sabíamos. É então nessa altura que tem lugar a conferência de Accra...

SC: Há discussões de vocês com Ben Bella sobre a estratégia com Nkrumah?

MS: O Nkrumah tem uma posição muito especial. A gente conversava com Nkrumah, mas Nkrumah queria sempre pontificar. A primeira reunião que ele fez, eu já era secretário geral da CNCP, é depois de Abril de 61. (Foi a primeira vez que andei de primeira classe no avião. Mandam-me um bilhete de avião para fazer Rabat-Accra-Rabat na KLM).

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Qual era a preocupação de Nkrumah nessa altura? Era que todos os partidos africanos se chamassem Peoples Congress of, porque ele era Peoples Congress of Ghana. Então seria Peoples Congress of Moçambique, Peoples Congress of isto, Peoples Congress of e eu era Secretário Geral da CNCP. Então naquela altura... de facto há situações (risos)

Nessa reunião foi isso que aconteceu, e até os outros camaradas ... ANC, etc.,... porque nós não estávamos dispostos a mudar de nome só por causa do Peoples Congress. Então utilizamos o ANC como base e dissemos "Olha o ANC... Presidente Nkrumah, ANC esta aí, nasceu em 1912, tem história e vai mudar para Peoples Congress? O que é que ele vai ganhar com isso? O facto é que a conferência terminou ali... Mais tarde, já depois de formado o Comité de Libertação de África e daquelas querelas que houve com Tanzânia, (porque Kwame Nkrumah ficou ciumento por não ter a Sede do Comité de Libertação) Nkrumah propõe uma nova conferência dos Movimentos de Libertação.

O que era preciso fazer na altura? Era preciso propor que o Gana ficasse o centro de recepção de todo o apoio aos movimentos de libertação nacional, apoio militar. Nós queríamos coisas, falaríamos com Nkrumah e Nkrumah falava com os soviéticos, com todo o mundo... já tinha sido criado o Comité de Libertação, e ele então procederia.... receberia e distribuiria.

Como era chefe de estado era preciso inventar uma maneira de... Então formulámos um contra-proposta, uma proposta mais completa que seria a seguinte: Vamos criar um Comité que terá o poder de decisão. O Nkrumah viu que ali estava completamente fora de questão. Quer dizer, os movimentos políticos na altura já tinham um desenvolvimento político e ideológico superior a esse chefe de estado.

Che Guevara

FG: Mudando de tema. Qual era o objectivo do Che Guevara nessas andanças... pela África?

MS: O objectivo dele era conhecer a situação e incentivar os Movimentos de Libertação de África.

SC: A ideia de criar um Movimento de Libertação que atacaria pelo ponto mais fraco, seria no Congo...portanto a teoria Guevarista.

MS: Não, a teoria Guevarista é bom entender... ele vinha com essa ideia, e vinha com intenção de fazer saber a várias gentes... mas eles conheciam o meu posicionamento político, ideológico. Queriam vencer-me a ir participar no Congo, a dirigir as forças congolezas, no Congo Kinshasa.

FG: As forças armadas congolezas?

MS: Sim! Isso em 65 quando ele vem lá a Dar es Salaam.

SC: Essa proposta foi feita a si?

MS: Sim!

FG: Camarada Marcelino falou mesmo com Che Guevara...

MS:Essa proposta foi-me trazida

pelos seus homens. Ele estava lá, ele falou connosco no nosso gabinete, recebido por Mondlane, em Dar es Salaam. Mas depois os seus homens vieram falar comigo para eu ir. Eu tive que explicar a eles que era preciso realmente... fazer uma luta de libertação, não é só uma coisa assim, tem muito de cultura também, a gente não faz mobilização de qualquer maneira, tem saber como fazer e se você não é de lá, você não vai ser capaz de mobilizar nada. Você não sabe como proceder para convencer alguém a fazer uma coisa.

E depois você tem que falar a língua deles... Eu não falava a língua deles. Então eu tive que explicar muito a eles.. não sei se alguma vez os convenci, mas na nossa maneira de ver as coisas, considerámos aquilo como amorismo, um pouco frágil.

FG: Então fizeram a proposta para que Marcelino deixasse a luta de Moçambique, para ir começar a luta lá.

SC: Segundo o que eu percebi todos os exércitos de libertação deviam parar para concentrar...

MS: Eles não falaram assim connosco. A mim falaram-me como pessoa e nunca no encontro que tivemos, que ele teve oficialmente lá na sede da FRELIMO, nunca falou deste ponto, este ponto foi falado à parte. Sim porque era necessário um certo sigilo? Para não desvendar o que é que ele andava a fazer.

SC: Agora, acontece que na Guiné -Bissau, já nessa altura, apesar de já separada do processo do Congo, há uma ligação com os cubanos... mas isso não acontece no lado de Moçambique, etc... portanto uma especulação que se faz é que Amílcar terá, digamos uma maneira simpática de ter dito ok, "tudo bem não vamos fazer isso, mas vocês podem participar na luta" e terá convencido que eles poderiam participar na guerrilha...

MS: Sim é possível, esse aspecto não conheci, mas os cubanos, alguns cubanos que estiveram lá, algumas aventuras que foram vividas por vocês. Agora a "Teoria do Foco" é outra coisa.

O marxismo e a pequena burguesia

FG : Eram discussões filosóficas em termos do Marxismo... da política...

MS: Nós não dizíamos Marxismo, Leninismo ...nós tínhamos uma visão revolucionária e popular daquilo que deviam ser os nossos países e daquilo que poderia ser África. Esta era a nossa visão do futuro... da nossa acção africana após a Independência. Falámos muitas vezes com Amílcar sobre isso.

Tivemos aqueles problemas do conflito sino-soviético em que o MPLA foi totalmente a favor dos soviéticos, Amílcar ficou assim mais inclinado aos soviéticos, e não abertamente pelos dois.

Nós dissemos, as vossas querelas são as vossas querelas, nós sabemos o que queremos de vocês, sabemos o que queremos dos soviéticos. Portanto não temos problema ne-

nhum, nunca nos deixámos perfilhar por ninguém.

Mas, Amílcar pelas, pelos seus posicionamentos e os seus escritos, tornou-se depois também num líder de... para além da África e sobretudo isso aconteceu bastante com a tricontinental em 1966 em Havana em que ele ficou altamente destacado... era dos grandes nomes da conferência.

FG: Não se trata daquele discurso do suicídio da classe da pequena burguesia?

MS: A pequena burguesia não se suicida. Nós não concordámos, nós FRELIMO não concordamos, porque consideramos que nenhuma classe se suicida, pode ser suicida mas não suicidar-se, não se suicida. Mas o que é muito interessante é que essa expressão agradou muito a Fidel Castro. Mas nós não concordamos nada, ali mesmo... ora essa declaração foi feita em nome da CNCP, e nós tivemos que dizer que não concordávamos...mas é claro que o nosso protesto não foi muito longe.

FG :Mas o camarada Marcelino acha que Cabral se afirmava como Marxista?

MS: Sim.

FG : O camarada Marcelino também..

MS: Obviamente, e afirmo-me.

FG: E como e que se explica essa relação... o caso do posicionamento do camarada Marcelino e do próprio Amílcar Cabral na relação com Olof Palme nos anos 70?

MS: Bom, havia tudo num e noutro o encanto, a sedução necessária para serem grandes amigos, porque eram homens de grande abertura de espírito, homens com coragem, frontalidade e que estavam num mesmo combate, mesmo se um já era independente e o outro ainda não. Portanto o relacionamento de Amílcar Cabral com Olof Palme a forma como as coisas se operaram, absolutamente para quem os conhecia... absolutamente normal e natural. Olof Palme era um homem absolutamente aberto, sempre que nós íamos à Suécia ele recebia-nos. Ele era Ministro da Educação quando desfilou nas ruas de Estocolmo contra a guerra no Vietname, o que levou os americanos a fazerem um protesto, "mas como é que vocês andam aí... e os suecos disseram "você sabe aqui a democracia permite que mesmo um ministro possa manifestar-se a favor do Vietname contra o governo americano."

Com Paulo VI

FG: E como foi em Roma encontrarem-se com o Papa?

MS: Aí os italianos agiram muito bem, primeiro a conferência internacional de solidariedade para com os povos das colónias portuguesas, isso foi um facto de grande alcance histórico, toda Itália estava unida no apoio, todos os movimentos políticos, mesmo a Democracia Cristã, o Partido Socialista, o Social Democrata, o Partido Comunista, todo o mundo, a juventude, a OMM de lá, os sindicatos.

Depois há uma senhora, muito fina, muito alta, Marcela Glicenti, mu-

lher de um grande industrial, ela dava-se muito às letras e tinha uma livraria.

Ela conheceu perfeitamente Amílcar Cabral e foi capaz, como era daquele mesmo meio, convencer aquela gente ali no Vaticano, de que era válido receber-nos já que toda Itália estava a favor, o Vaticano também se devia aliar. O Vaticano não teve nenhuma objeção, o que nos deu a entender a nós que o Vaticano também encontrou uma porta fácil por onde afirmar a sua condenação do colonialismo português.

Portugal quis contar muitas histórias, insurgiu-se etc., mas o Vaticano disse bem claro que estava consciente do que estava a fazer. E foi quando fomos recebidos pelo Papa, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e eu!

Cumprimentámos o Papa, mas quem falou foi o Amílcar.

SC: E a questão das lideranças?

MS: As coisas aconteceram assim muito naturalmente, muito cedo Amílcar Cabral e Neto apareceram como os líderes... mais tarde

aparece o Mondlane. Mas neste grupo assim era Amílcar Cabral e Neto, um pouquinho mais tarde e talvez porque Amílcar Cabral não chega às independências, a figura de Neto a sobrepôr-se a todos. Mas isso resulta da vivência das coisas que são feitas durante 1 dia, 2 dias, 100 dias, 1000 dias em que se sente que é. Por exemplo Neto, quando ele chegava, sentia-se que era chefe. Da mesma maneira que Samora, muito cedo, dentro de nós foi sentido como chefe.

As pessoas ficam muito admiradas que dizem, porque é que Mondlane... "quando Mondlane morreu porque não tomaste tu Marcelino a liderança", e eu disse, porque o Samora é que era chefe. Aqui tem um ponto muito importante e que as pessoas não se dão conta... em tempo de guerra, quem assume a guerra fica mesmo chefe e Samora Machel é que estava lá.

**texto editado a partir do material gentilmente cedido pelos realizadores. Título e entretítulos da responsabilidade do SAVANA.*

A atenção das nossas academias

Esta entrevista sempre ressoou na minha memória como fundamental para uma discussão que, acho, nunca foi devidamente realizada em África ou no mundo e que é importantíssima para se compreender o processo das guerras de libertação.

Três linhas teóricas sobre o modelo de luta a adoptar em Africa ressaltam das declarações de Marcelino:

A Teoria do Foco, protagonizada por CHE GUEVARA que basicamente defendia que os guerrilheiros se deveriam unir independentemente da sua origem nacional e combater onde o "capitalismo estaria mais fraco". Isso que o traz a Africa onde os cubanos acabam por ter uma participação com os guerrilheiros então liderados por Kabila (pai) e onde os movimentos de libertação das colónias portuguesas se recusam a participar.

Depois, o **Panafricanismo**, protagonizado por Nkruma, onde se defende a ideia de uma conjugação estreita de forças mas subordinada a uma linha comum (modelo que acaba por ser ensaiado pelos agrupamentos regionais onde se discute sempre a sensível linha de subordinação (Daí a ideia de que todos os movimentos se deveriam chamar Peoples Congress of (País em causa)

Finalmente é do extremo oriente e particularmente de Giap no Vietname que aparece a teoria da **Sublevação popular armada** em que a guerra se afirma como extensão da política e a participação do povo se assume como fundamental. E também que esta só é possível com a existência de uma retaguarda segura como, no caso do Vietname terá sido o Vietname do Norte e no nosso caso, a Tanzânia e a Zâmbia. Como depois nós teremos sido do Zimbabwe e da Africa do Sul. E é esta que, a nosso ver, vem a ser adaptada pelos movimentos guerrilheiros das ex-colónias portuguesas.

Depois das teorias da guerra, de Lenine e de Mao, com duas guerras mundiais pelo meio, o modelo teórico que os diversos movimentos assumem continua, a constituir um grande debate internacional (Vide Afeganistão). Giap dizia que não há uma formula e que cada País deveria encontrar as suas próprias saídas. Regis Debray é o mais famoso teorizador desta problemática e são famosos os seus textos e análises. Mas Marcelino dos Santos foi, depois de Aquino Bragança um dos homens que esteve no centro desse debate e na frente da luta, que participou nessas discussões e terá sido um dos últimos (senão o último) testemunho vivo participante desse processo. À atenção das nossas academias...